

PROPOSTAS PARA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA DE ALUNOS SURDOS

Thabata Fonseca de Oliveira; Celeste Azulay Kelman

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

e-mail: thabatafon@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – e-mail: celeste@kelman.com.br

Resumo: A educação de alunos surdos tem se tornado, crescentemente, objeto de pesquisas acadêmicas. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo sistematizar as contribuições das produções acadêmicas no que concerne às possibilidades pedagógicas para educação geográfica de alunos surdos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa. Para isso, realizamos levantamento no Banco de Teses e Dissertações da Capes (BDTC), onde identificamos nove dissertações com a temática de interesse. Na análise do material, seguimos as recomendações para a pesquisa bibliográfica, realizando a leitura exploratória, leitura seletiva e leitura analítica/interpretativa (GIL, 2008). Os resultados apontam o aumento de investigações na área, nos últimos seis anos, com predomínio de pesquisas nas regiões Sul e Sudeste. Em relação às propostas pedagógicas apresentadas, observamos a tendência de valorização da particularidade visuo-espacial do aluno surdo nas aulas de Geografia e também a especificidade linguística deste alunado. Tal orientação tem influenciado a elaboração de metodologias que envolvam, dentre outras, o trabalho de campo, o uso de imagens, fotos, filmes, vídeos e a reflexão sobre possibilidades que integrem a Libras, a Língua Portuguesa e o conhecimento geográfico. Contudo, evidenciamos que ainda são poucas as pesquisas que aprofundem as discussões acerca da cartografia escolar e a educação de surdos.

Palavras-chave: Educação de Surdos, Ensino de Geografia, Práticas Pedagógicas.

Introdução

Nas últimas décadas, a educação de surdos tem adquirido relevância em distintos âmbitos. O exemplo mais recente esteve no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, realizado no ano de 2017, cuja temática da redação foi: “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”. Esse tema surge 15 anos após a Lei 10.436, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão, e 12 anos depois do Decreto 5.626, que regulamentou a Libras e dispôs, dentre outras normativas, aspectos específicos para a educação bilíngue de alunos surdos. Passada mais de uma década destes marcos legais, o processo de escolarização dos surdos ainda apresenta empecilhos. As dificuldades abarcam desde as políticas públicas (e linguísticas) para uma efetiva inclusão escolar até a formação docente, que ainda se mostra precária na capacitação dos professores para o ensino deste alunado.

Por outro lado, houve um aumento das produções acadêmicas na área da surdez. Pagnez e Sofiato (2014) evidenciaram 349 teses e dissertações produzidas entre os anos de 2007 e 2011 envolvendo os temas Libras e Educação de Surdos. Dentre as temáticas, as autoras constataram

apenas um trabalho em que a educação de surdos esteve em interface com a Geografia, no período pesquisado. Outras pesquisas também demonstraram que no campo da educação de surdos, o ensino de Geografia não tem sido uma das vertentes mais privilegiadas, seja em produções acadêmicas (RAMOS; ZANIOLO, 2014) ou em publicações de trabalhos nos congressos de Educação Especial (OLIVEIRA; EIRAS; KELMAN, 2016).

Por meio do levantamento no Banco de Teses e Dissertações da Capes (BTDC), analisamos as produções acadêmicas que abordam o ensino de Geografia para surdos. Deste modo, esse texto tem como objetivo sistematizar as contribuições de tais investigações no que concerne às possibilidades pedagógicas para educação geográfica de alunos surdos. No atual contexto de inclusão escolar, em que ainda permanecem desafios para a formação educacional dos surdos, faz-se necessário que as estratégias pedagógicas pesquisadas sejam sistematizadas e divulgadas. Tal justificativa se aplica, principalmente, para o ensino de Geografia, cujas produções acadêmicas ainda não se apresentam em grande número.

Educação de surdos: elucidando algumas particularidades

Temos, atualmente, o direcionamento para a educação bilíngue de alunos surdos (BRASIL, 2005). Nesta proposta, compreende-se “a língua de sinais como a primeira língua do surdo e a língua portuguesa como segunda língua” (CAMPOS, 2013, p. 41). Vale lembrar que as línguas de sinais são consideradas verdadeiras, do ponto de vista linguístico, “desde o estudo pioneiro de Stokoe sobre a língua americanas de sinais. Esse estudo [...] provou que as línguas de sinais são organizadas linguisticamente seguindo regras, as quais foram descritas” (MOURA, 2013, p. 16).

Para o surdo, a língua de sinais emerge de forma espontânea a partir do contato com falantes nativos, “assim como acontece a aquisição de quaisquer outras línguas por outros falantes de outros grupos sociais” (QUADROS, 2012, p. 30). Sendo assim, é por meio desta língua que o aluno surdo poderá se constituir como ser da linguagem (MOURA, 2013), significar sua relação com o meio, apropriar-se dos elementos da cultura e construir conhecimentos na escola.

Por sua vez, a Língua Portuguesa como segunda língua (L2), na modalidade escrita, também envolve especificidades, uma vez que a relação estabelecida pelo surdo com o Português se distingue de um aluno ouvinte. Gesser (2009, p. 56) afirma que o “fato de a escrita ter uma relação fônica com a língua oral, pode e de fato estabelece, outro desafio para o surdo: reconhecer uma realidade fônica que não lhe é familiar acusticamente”. Nesse sentido, Kelman (2011, p. 5) assinala

que “enquanto sua língua natural ocorre na modalidade espaço-visual, a L2 ocorre em modalidade oral-auditiva, o que dificulta mais ainda o processo”. Assim, a autora pontua que “para a criança surda, cada palavra é percebida visualmente e não pela fonética” (*Ibdem*, p. 6). Além disso, sendo uma L2 para os surdos, a Língua Portuguesa passa a ser “ensinada/aprendida por meio de procedimentos semelhantes ao de uma língua estrangeira” (FERNANDES, 2003, p. 42).

Considerando as particularidades do ensino bilíngue para surdos, não é difícil afirmar a necessidade de reflexão acerca das práticas pedagógicas com estes estudantes. Além do envolvimento de duas línguas, de modalidades distintas, no processo educativo, há de se valorizar também os aspectos visuais. A partir de uma concepção socioantropológica, tem-se entendido a surdez como experiência visual. “Isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual” (SKLIAR, 2012, p. 28). No mesmo sentido, Campello (2008, p. 87) afirma que, no caso dos surdos, “a visualidade contribuirá, de maneira fundamental, para a construção de sentidos e significados”.

Lacerda, Santos e Caetano (2013, p. 188) afirmam que “a escola, em geral, está presa ao texto didático como caminho único para a apresentação de conceitos e esse caminho tem se mostrado pouco produtivo quando se pensa em alunos surdos em sala de aula”. Desse modo, as autoras sugerem o desenvolvimento de uma pedagogia visual, que, de acordo, com Buzar (2009, p. 102) “baseia-se no fato de que para além do desenvolvimento verbal e gráfico, exigência de toda a escola, amplie-se metodologicamente o uso de uma linguagem imagética”.

Portanto, tendo em vista o direcionamento para uma educação bilíngue dos surdos, que envolve as particularidades discutidas acima, é importante conhecer o que tem sido pensado, especificamente, no ensino de Geografia para estes estudantes. Vale destacar que “a finalidade de se ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente as de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço” (CAVALCANTI, 2013, p. 24). Assim sendo, os alunos surdos possuem o direito ao desenvolvimento de habilidades e competências geográficas, no entanto outras vias precisam ser privilegiadas nas relações de ensino-aprendizagem.

Metodologia

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2008), de natureza qualitativa. Realizamos a busca no Banco de Teses e Dissertações da Capes, com os descritores “Geografia” && “surdo”||“surdez”||“surdos”, para selecionar o material de análise. Não definimos um recorte temporal específico, a fim de encontrarmos um maior número de pesquisas na área de interesse. Inicialmente, foram apontados a existência de 19 trabalhos na plataforma. Contudo, após a leitura dos resumos das teses e dissertações sugeridas, constatamos que apenas nove trabalhos, abordavam a temática do ensino de Geografia para surdos, sendo todos eles dissertações. As demais pesquisas tratavam sobre aspectos gerais da educação de surdos e sobre espacialidades e territorialização da população surda.

Na análise do material, seguimos as recomendações de Gil (2008) para a pesquisa bibliográfica. Deste modo, realizamos: a) leitura exploratória, b) leitura seletiva e c) leitura analítica/interpretativa. A partir da leitura exploratória das nove dissertações, identificamos informações gerais tais como título, autor, programa de pós-graduação de origem, ano da defesa e objetivo das pesquisas. Estas informações mostraram-se importantes para avaliarmos a evolução de tais pesquisas ao longo do tempo, a distribuição geográfica desses estudos, bem como os tipos diferenciados de investigações que vêm sendo empreendidos.

Com a leitura seletiva, focamos na introdução, resultados e conclusão das dissertações. Esse tipo de procedimento, corresponde à “leitura aprofundada das partes que realmente interessam” (GIL, 2008, p.75). Por fim, realizamos a leitura analítica e interpretativa, em que ordenamos e sistematizamos as informações consideradas importantes para o objetivo da pesquisa, relacionando-os com outros conhecimentos acadêmicos. Na impossibilidade de abordar todos os dados gerados nesta pesquisa, daremos preferência em aprofundar os resultados referentes à leitura analítica/interpretativa que envolveram as propostas pedagógicas no Ensino de Geografia para surdos.

Resultados e Discussões

Em relação às informações gerais, obtidas por meio da leitura exploratória, constatamos que grande parte das dissertações - sete das nove analisadas - foi defendida a partir do ano de 2012. Isso sugere que, apesar de ainda ser pequena, a produção acadêmica sobre o ensino de Geografia para surdos tem crescido nos últimos anos (Gráfico 1). Outro aspecto observado, diz respeito à concentração das produções acadêmicas nas regiões Sudeste e Sul. Não identificamos nenhuma

pesquisa na região Norte sobre a temática investigada. As regiões Nordeste e Centro – Oeste contaram apenas com um trabalho cada, desenvolvidos em programas de pós-graduação no Piauí e em Brasília (Gráfico 2). Esta tendência pode ser analisada sob o prisma de um contexto mais amplo, que envolve a distribuição da produção científica no Brasil. Sidone, Haddad e Mena - Chalco (2016, p. 22), ao analisarem a evolução da produção acadêmica nas regiões, constataram “a acentuada heterogeneidade espacial da produção científica, com enorme concentração nas regiões Sudeste (SE) e Sul (S)”. Os autores destacaram que, dentre as causas principais dessa desigualdade, estão as disparidades na distribuição de recursos científicos e tecnológicos, sendo as regiões Sul e Sudeste favorecidas pela concentração de institutos de pesquisas e universidades historicamente consolidados.

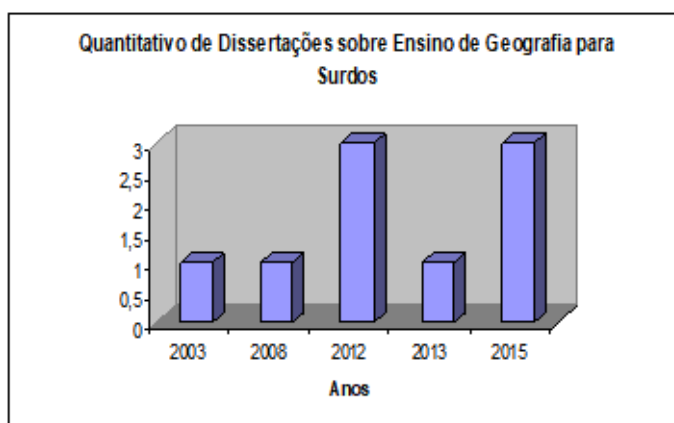


Gráfico 1 – Quantitativo de dissertações sobre Ensino de Geografia para Surdos disponíveis no BTDC.
Fonte: elaborado pelas autoras

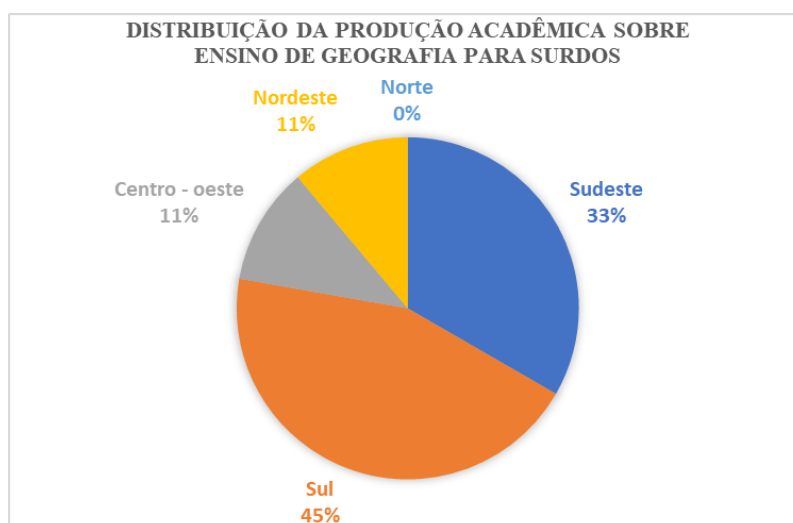


Gráfico 2 – Distribuição da produção acadêmica sobre Ensino de Geografia para surdos.
Fonte: elaborado pelas autoras

Ao investigarmos especificamente as propostas para a educação geográfica de alunos surdos, destacamos 11 estratégias e recursos que identificamos nos trabalhos analisados (Gráfico 3). Tais estratégias não abarcam todas as que foram explicitadas pelos autores, mas aquelas que consideramos principais, seja pelo número de aparecimento ou pela importância pedagógica. A princípio, algumas destas propostas parecem não se diferenciar daquelas empregadas com os alunos ouvintes. No entanto, os autores apresentam justificativas e cuidados ao se trabalhar com estes materiais junto aos estudantes surdos.

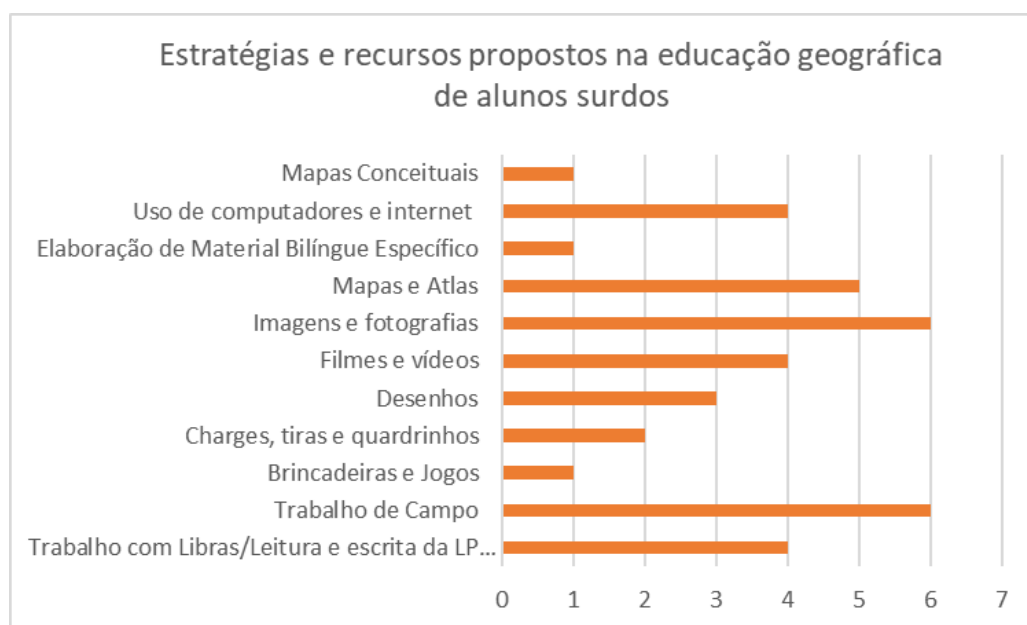


Gráfico 3 – Estratégias e recursos propostos na educação geográfica de alunos surdos/número de dissertações em que foram abordados.

Fonte: elaborado pelas autoras

Na impossibilidade de apresentar todas as abordagens dos autores relativas às propostas pedagógicas listadas acima, realizamos uma sistematização da contribuição de algumas dissertações a respeito destas estratégias e recursos.

Mapas conceituais: Pena (2012) destacou a importância da elaboração de mapas conceituais, no trabalho com textos escritos, seja pelos alunos ou professores, por meio de esquemas, fluxogramas e organogramas. De acordo com a autora, “os mapas conceituais, auxiliam os estudantes surdos a compreenderem melhor textos longos, que podem ser de difícil interpretação devido à falta de entendimento da Língua Portuguesa” (p. 97).

Uso de computadores e internet: Ao discutir diversas propostas no ensino de Geografia em ambiente escolar com alunos surdos e ouvintes, Fonseca (2012, p. 138) destaca que “a internet pode

exercer um papel muito importante auxiliando o professor na busca para interligar o mundo do aluno [...] ao conteúdo de sua aula”. Do mesmo modo, Pena (2012, p. 92), destaca que “se possível, os computadores da escola devem ser utilizados frequentemente, pois os alunos são despertados para a pesquisa individual na internet”, em que há possibilidades de adaptação ao ritmo pessoal de cada estudante. Silva (2015) justifica a utilização desses recursos com alunos surdos, baseando-se na premissa da visão como principal canal de comunicação desses sujeitos. Assim, a autora sugere, no ensino de Geografia para surdos, o trabalho com programas, tais como o Google Earth, pois este consistiria em uma rica ferramenta para se abordar as noções de espacialidade, paisagem, lugar e região.

Elaboração de Material Bilingue Específico para surdos: Arruda (2015) refletiu sobre uma proposta de material didático bilingue de Geografia, específico para o estudante surdo do ensino básico, visando a atuação conjunta da Libras, do Português escrito e de imagens na construção de sentidos. Pensando-se no desenvolvimento de um “livro didático” bilingue, o autor destacou a inviabilidade da elaboração de um material impresso, tendo em vista a necessidade de “comportar a Libras, uma língua visual e espacial”, o que o levou a pensar em uma base digital, que pudesse acomodar vídeos. O autor aponta ainda a necessidade de um suporte técnico de computação gráfica, que envolva imagens e animações, bem como a explicação em Libras realizada por um professor surdo, a partir da construção conjunta do roteiro com professores de Geografia.

Uso de mapas e atlas: Em grande parte das dissertações analisadas, foi ressaltada a importância do mapa enquanto estratégia visual e também como importante ferramenta no ensino de Geografia. Entretanto, a maioria das discussões não se aprofundou em possíveis especificidades no uso/apropriação da cartografia pelos alunos surdos. Encontramos algumas pistas em Andrade (2013) quando observou que alunos surdos apresentavam grande dificuldade na leitura de mapas, com desconhecimento da legenda, título e rosa dos ventos. Segundo a autora “a grande barreira no entendimento desses mapas é que estão escritos em língua portuguesa” (ANDRADE, 2013, p. 64), ou seja, a segunda língua dos surdos. Silva (2015) também identificou dificuldades de alguns alunos surdos, sujeitos de sua pesquisa, no reconhecimento de noções elementares dos mapas. No entanto, apontou a necessidade dos docentes de diversificar o uso desses recursos, aprofundando o conhecimento geográfico a partir dos mesmos.

Uso de imagens e fotografias: Em relação a estas estratégias, Silva (2015) aponta que a diferença do trabalho com imagens [e outros materiais imagéticos] entre alunos surdos e ouvintes está na profundidade da exploração desses recursos, uma vez que “é por meio dos estímulos visuais

que o surdo irá compreender e construir conhecimentos” (p. 121). Fonseca (2012, p. 133) destaca que a “aplicação de gravuras, fotos, desenhos e outras representações em sala de aula proporciona ao aluno aumentar a sua habilidade na observação e valorização do que existe a sua volta”. Deste modo, o autor ressalta a importância de se utilizar muitas imagens sobre o conteúdo geográfico ministrado e também de se debater o conteúdo concomitantemente à apresentação das imagens ou fotografias. Pena (2012), por sua vez, chama atenção para o fato de que os surdos possuem, no momento da explicação e utilização de imagens nas aulas, apenas o canal visuo-espacial para apreender as informações, diferentemente dos ouvintes que conseguem observar os recursos, acompanhando a explicação oral por meio auditivo. Assim, a autora sugere que os alunos surdos realizem primeiro a observação da imagem, para depois atentarem-se à sinalização do conteúdo feita pelo intérprete. Sobre o uso de imagem nas aulas, Arruda (2015) sugere que a utilização deste recurso também esteja na avaliação, em Libras, com alunos surdos. Assim, assinala que “a avaliação pode ser organizada em uma apresentação de slides, com as imagens e pequenos vídeos, sobre os quais se formule questões para que o aluno as desenvolva sinalizando” (p. 60).

Filmes e vídeos: Com relação aos filmes e vídeos, Fonseca (2012) recomenda o uso de documentários ou curtas de ficção nas aulas de Geografia, com promoção de discussões e debates na mesma aula em que foi exibida produção. Dentre as sugestões trazidas pelos sujeitos pesquisados, esteve a presença da legenda para os alunos surdos e a necessidade de “trechos pausados”, a fim de facilitar o trabalho dos intérpretes que atuam favorecendo o entendimento e explicação dos vídeos para estes estudantes. Pena (2012, p. 117) assinala que, numa sala de aula inclusiva, “o intérprete precisa permanecer durante a apresentação desse recurso, pois, geralmente, o estudante surdo, não consegue interpretar todas as informações apresentadas na legenda, devido ao vocabulário extenso em Língua Portuguesa e seu pouco contato com esta”. Arruda (2015) revela a preferência por vídeos rápidos, que permitam ilustrar os conteúdos estudados, e por aqueles que tenham legendas. O autor também sugere que “antes da exibição de um filme é bom contextualizá-lo rapidamente, explicando a história” (p. 60) e a vinculação com o conhecimento geográfico discutido.

Desenhos: No que diz respeito aos desenhos, Fonseca (2012) sugere que esta prática pode ser realizada pelos próprios alunos, para o desenvolvimento da noção de representação cartográfica e também do espaço vivido. No entanto, os estudantes pesquisados (surdos e ouvintes) destacaram a necessidade do objetivo desta atividade ser mais bem explicado, ou seja, “o professor deve sempre expor para os seus alunos a finalidade do trabalho” (FONSECA, 2012, p. 120).

Charges, tiras e quadrinhos: Arruda (2015), ao entender charges e quadrinhos como expressões artísticas, realça que o design e a estruturação do conteúdo são formas artísticas que podem ajudar ou atrapalhar o processo de aprendizagem do aluno surdo. Deste modo, o autor chama a atenção para o caráter estético destes recursos, afirmando que “a questão estética ganha uma importância ainda maior devido a relevância que a visualidade assume para esses estudantes[surdos], uma vez que a visão é o principal sentido para a apreensão do mundo” (p. 84).

Brincadeiras e Jogos: Em relação às brincadeiras e jogos, Fonseca (2012) sugeriu, a partir da fala de alunos surdos e intérpretes, que tais atividades devem ser realizadas de forma menos acelerada e com mais organização, para favorecer a participação dos alunos surdos, que têm a sua comunicação mediada pelo intérprete de língua de sinais.

Realização de trabalho de Campo: Fuente (2012) aponta que o trabalho de campo consiste em uma metodologia visuo-espacial para o ensino de conteúdos geográficos a alunos surdos. Além disso, salienta que “a prática efetiva do trabalho de campo como metodologia na escola bilíngue possibilitará aos sujeitos surdos a problematização, análise, observação e registro dos fenômenos do espaço geográfico” (FUENTE, 2012, p. 100). Do mesmo modo, Fernandes (2015) destaca a visualidade desta estratégia pedagógica e revela, nos resultados de sua investigação, que o trabalho de campo, com a devida utilização da Libras, consiste na prática educativa mais motivadora, na visão dos alunos surdos. Nesse sentido, o autor reafirma a importância da presença do intérprete nesta atividade. Silva (2008), por sua vez, destaca que as saídas de campo promovem vivências que favorecem a ampliação do repertório de sinalizações dos estudantes surdos. Nessa perspectiva, “os objetos visíveis no espaço são incorporados ao repertório dos sinais seja através da apreensão de sinais novos, seja através da descrição de fatos, acontecimentos e objetos presentes nas novas experiências geradoras de conhecimento” (SILVA, 2008, p. 130).

Trabalho com a Libras/Leitura e escrita da LP em articulação à Geografia: Silva (2003), dentre outras importantes discussões, apresentou atividades didáticas envolvendo a Língua Brasileira de Sinais com o intuito de estabelecer uma relação de mútuo reforço entre o ensino de Geografia e a utilização da leitura e escrita da língua portuguesa. O autor partiu da ideia da espacialidade da língua de sinais enquanto referência de interação do surdo com o mundo. Propôs-se, dentre algumas sugestões, a realização de discussões, em língua de sinais, entre alunos e professores, a partir de imagens que envolviam temáticas da Geografia e o desenvolvimento de produções escritas.

Considerações Finais

Este trabalho procurou evidenciar as propostas pedagógicas, presentes nas produções acadêmicas, para educação geográfica de alunos surdos. Constatamos que, apesar de haver poucas pesquisas a respeito da temática, as investigações têm avançado no sentido de refletir/elaborar estratégias que atendam às necessidades desses estudantes. Observamos que a particularidade visuo-espacial do aluno surdo tem orientado a maioria das estratégias discutidas, visto grande número de sugestões que abarcam recursos imagéticos, tais como fotografias, imagens, filmes e vídeos, computadores e internet, etc. Assim, apontando para a construção de uma pedagogia visual. A realização de saídas de campo, atividade tradicional no ensino de Geografia, também foi amplamente sugerida na educação alunos surdos, por constituir-se como metodologia espaço-visual para o entendimento do espaço geográfico.

Também identificamos a preocupação com a especificidade linguística dos surdos. Diversas propostas se atentaram aos aspectos presentes em um contexto bilíngue de ensino, que envolva a circulação da Libras e do Português escrito. Desse modo, muitas dessas pesquisas realçam a necessidade de planejar o devido uso dos recursos pedagógicos propostos, a fim de garantir o acesso à Libras pelo aluno surdo, bem como uma condição adequada de comunicação e interação linguística nas aulas.

Apesar de algumas pesquisas mostrarem-se promissoras, evidenciamos a necessidade de investigações mais aprofundadas a respeito da cartografia escolar e educação de surdos. Tendo em vista que autores apontaram dificuldades dos alunos surdos no uso de mapas (ANDRADE, 2013; SILVA, 2015), este tema emerge como necessidade de pesquisa para um ensino de Geografia mais satisfatório para esta minoria de aprendizes.

Referências

- ANDRADE, S. *A educação geográfica de alunos surdos em uma escola polo da grande Florianópolis*. 2013. 111f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC.
- ARRUDA, G. B. *Material didático de Geografia para surdos em uma perspectiva bilíngue*. 2015. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BUZAR, Edeilce Aparecida Santos. *A Singularidade Visuo-Espacial do Sujeito Surdo: implicações educacionais*. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

CAMPELLO, A. R. S. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC.

CAMPOS, M. L. I. Educação inclusiva para surdos e as políticas vigentes. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* São Carlos: EdUFSCar, 2013, p. 37-61.

CAVALCANTI, L. S. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. 18ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

FERNANDES, S. F. Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios. 2003. 213f. Tese (Doutorado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR.

FERNANDES, J. V. *Inclusão: Educação Ambiental aplicada ao Ensino de Geografia para alunos surdos no CEF 08 do Gama – DF do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental*. 2015. 101f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia. Universidade de Brasília. Brasília – DF.

FONSECA, R. L. *Praticando Geografia com alunos Surdos e ouvintes: uma contribuição para o ensino de Geografia*. 2012. 193 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geociências. Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR.

FUENTE, A. R. S. *O trabalho de campo em Geografia: múltiplas dimensões espaciais e a escolarização de pessoas surdas*. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KELMAN, C. A. Letramento do aluno surdo: considerações sobre compreensão e escrita em L2. Rio de Janeiro: IHA, 2011. Disponível em:

<https://ihainforma.wordpress.com/2011/10/06/letramento-do-aluno-surdo-consideracoes-sobre-compreensao-e-escrita-em-l2/> Acesso em 02/04/2018.

- LACERDA C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F.. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* São Carlos: EdUFSCar, 2013, p. 185 - 200.
- MOURA, M. C. Surdez e Linguagem. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* São Carlos: EdUFSCar, 2013, p. 13-26.
- OLIVEIRA, T. F.; EIRAS, J. M. C.; KELMAN, C. A. Surdez, prática docente e recursos: uma análise das publicações dos Congressos de Educação Especial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., 2016, São Carlos. Anais... São Carlos: UFSCar, 2016.
- PAGNEZ, K. S; SOFIATO, C. G. O estado da arte de pesquisas sobre a educação de surdos no Brasil de 2007 a 2011. *Educ. rev.* [online], n.52, p.229-256, 2014.
- PENA, F. S. *Ensino de geografia para estudantes surdos: concepções e práticas pedagógicas*. 2012. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG.
- QUADROS, R. M. O “BI” em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. et al. (Org.). *Letramento, bilinguismo e educação de surdos*. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 27-37.
- RAMOS, D. M.; ZANIOLO, L. O. Tendências temáticas da produção acadêmica sobre a educação de surdos. Anais do 11º Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste. São João Del Rei, 2014.
- SIDONE, O. J. G; HADDAD, E. A; MENA-CHALCO, J. P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. *TransInformação*, Campinas, 28(1):15-31, jan./abr., 2016.
- SILVA, C. C. P. da. *Respeitando as diferenças no trânsito: os alunos surdos em ação e movimento*. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, RS.
- SILVA, C. B. da. *Cenário Armado, Objetos Situados: O ensino de Geografia na Educação de Surdos*. 2003. 244f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, RS.
- SILVA, J. S. *Os desafios no ensino de Geografia para Surdos: Estudo Etnográfico na casa do Silêncio em Teresina – PI*. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina – PI.
- SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3ª Ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.